APM

Serie: 7.3

Cx: 01

Doc: 02

1936/12/29

Doc. pós morte

Adolfo Julio Tymburibá

Nasceu em São José do Turvo a 15 de julho de 1858, acrescentou ao nome o apelido Tymburibá que significa ousado ou valente na giria do Vale do Paraiba
Foi Tocador de Tropas de café, mudou-se aos 15 anos para o Rio de Janeiro, trabalhando como aprendiz de ~~em~~ confeiteiro na Confeitaria Pascoal ~~onde~~ ~~trabalhou~~ por 10 anos.
Tomou parte em comicios e passeatas republicanas
Mudou-se para Ouro Preto em 1883 ~~us~~ instalando uma confeitaria ponto de reuniões políticas.
Casou-se com Leonor Luisa Osório
Abriu um negócio de secos e molhados, outro ponto de reuniões de ideias republicanas.
Com a República foi nomeado terceiro escriturário do Serviço de Estatística do Estado, passando a amanuense, trabalhou na Secretaria do Interior indo depois para o Arquivo Público Mineiro
Irmão benemérito da Santa Casa de Misericórdia capitão da Guarda Nacional, sócio do Clube Floriano Peixoto e do Instituto Histórico
Faleceu em 29 de dezembro de 1936.

ADOLPHO JULIO TYMBURIBÁ

A notícia do desaparecimento do sr. Adolpho Julio Tymburibá determinou grandes e expressivas demonstrações de pesar nesta Capital.

Tratava-se, efetivamente, de pessoa muito relacionada e estimada, que conquistara o respeito de quantos há longos anos com êle conviviam, admirando-lhe as belas qualidades do coração e do caráter.

Funcionário aposentado do Arquivo Público Mineiro, contando setenta e oito anos de idade, o sr. Adolpho Julio Tymburibá conservou grande número de amigos feito ao tempo de sua atividade, cheia de bons serviços ao Estado.

Era casado com a exma. sra. d. Leonor Osório Tymburibá e deixou os seguintes filhos: Admastor Tymburibá, Chefe de Seção da Secretaria do Interior; Nestor Tymburibá, funcionário da "Escola Alfredo Pinto"; Adolpho Tymburibá, empregado no comércio; exma. sra. d. Maria Gomes, casada com o Capitão Freitas Gomes, comandante da Guarda Noturna de S. Paulo, e Julieta Tymburibá.

MINAS GERAIS - 29 de dezembro de 1936 - pág. 12.

DE PEQUENO TROPEIRO A PROPAGANDISTA DA REPUBLICA

A HISTÓRIA EDIFICANTE DE ADOLFO JÚLIO TIMBURIBÁ

Augusto de Lima JÚNIOR

EM meados do século [illegible]lo, a Vila de Pirai, Provincia do Rio de Janeiro, era o centro de um distrito produtor de café dos mais ricos, e povoado de luxuosas fazendas de cultura onde os Morais, os Breves, os Monteiro de Barros e outros magnatas levavam vida folgada.

Eles dividiam o tempo entre seus casarões servidos por numerosa escravaria e a Côrte, para onde iam depois das colheitas, gastar o dinheiro delas nos Teatros Provisorio e Lirico, nas picarescas alcovas de Mme. Raveau na rua do Ouvidor, e nas famosas ceias a «Champagne» do estonteante Alcazar. Em São José do Turvo — pequeno distrito de Pirai, — numa fazenda de café, nasceu em 1858, precisamente a 15 de julho, um dos homens de vida mais interessante, um desses espiritos construtores, dotados de espantosa força de vontade que constituem a infra-estrutura das comunidades humanas bem organizadas. O menino se chamava Adolfo Julio. Mais tarde ele acrescentaria ao seu nome o apelido Timburibá, que na giria do Vale do Paraiba queria dizer ousado ou valente.

Ousado foi ele. De valentias, no sentido vulgar da palavra, nunca tive noticia, a menos que se considere como tal o fato de, aos quinze anos, aparecer no Rio de Janeiro tomando parte em comicios republicanos e correrias decorrentes. Começou a lutar pela vida como tocador de tropas de café entre Pirai e a Côrte. Já sabia ler, escrever e contar, o que em se tratando de um tropeirinho é coisa de admirar e demonstra nesse Adolfo Julio Timburibá uma vontade de ferro.

Parece que essas idas e vindas entre a Côrte e as fazendas de café, subindo e descendo a Serra do Mar, foram apenas o preparo de umas economias para a realização de outros designios. Em 1873, com quinze anos, o tropeirinho resolveu mudar de vida e instalar-se no Rio de Janeiro.

Obteve um lugar de aprendiz confeiteiro na famosa Confeitaria Pascoal na rua do Ouvidor, que era o centro das elegancias da epoca.

Os mestres confeiteiros e pasteleiros eram franceses, detentores dos segredos daqueles famosos confeitos e pasteis de nata e principalmente das massas de camarão e galinha, comedorias famosas que alimentavam operosas boquinhas graciosas e «fauces hiantes» de politicos, homens de negocios e patifes bem vestidos, como em todos os tempos. Amores, negocios, casos politicos, tudo se resolvia em torno das aristocraticas mesas da Casa Pascoal. Frequentar a famosa confeitaria era titulo de elegancia e poder financeiro ou politico. Os poetas, escritores ou jornalistas, que ainda não tinham consagração publica, somente penetravam nesse santuario de «gourmandises», depois que os bondinhos de burro da Companhia Jardim Botanico, que faziam ponto ali proximo, levavam para suas casas, ao cair da noite, as figuras que enchiam os salões da grande confeitaria, desde duas horas da tarde até as seis, quando então, as familias deixavam os lugares para as graciosas «cocottes». Para evitar misturas, a miuçalha intelectual, fóra do horario da elegancia familiar, tinha descontos especiais ou contas penduradas. A depois famosa Confeitaria Colombo, não faria mais do que transferir para ela, clientes e habitos da Pascoal, quando o movimento social se deslocou para os lados do Largo da Carioca, com o recuo dos bondes que se tornaram eletricos. Até esse tempo, ir tomar «lunch» no Pascoal era folha corrida social.

Pois o Adolfo Julio Timburibá metido naqueles fundos, ajudando os malcriadissimos mestres culinarios franceses, foi aprendendo os segredos luculianos. Sabem lá o que é lidar com cozinheiro ou mecanico francês? Eles têm sempre a palavra de Cambronne para atirar sobre o aprendiz que não entender instantâneamente as ordens...

Que o diga o Pedro, impressor deste jornal, que aprendeu o oficio com o mecanico francês que montou a minha Marinoni para o «Diario da Manhã». Timburibá deve ter penado. Mas ficou senhor do oficio e habilissimo nele. Fez tambem, boas relações com os frequentadores da casa, principalmente republicanos, gente que se juntava na Confeitaria Pascoal no horario dos poetas, dos jornalistas, dos boemios...

Desde muito tempo, Adolfo Timburibá, magrinho, enfezadinho, já andava se metendo em comicios e passeatas republica-

nas. Ali na Casa Pascoal ficou quase dez anos, só não chegando a mestre confeiteiro porque estabelecimento de luxo não dava posição a brasileiro. Seria um desastre para o luxuoso Pascoal, ou «confiseur» um pasteleiro ou e coloridos que, como ainda hoje, doceiro. Isso não seria «charmant» e deitaria por terra o prestigio de tão ilustre organização que, somente servia Janbons de York. Morton. Caviar Russe. Asperges. Petits-pois. com os Vieux Bourgogne, varias Veuves espumantes, e mais licores franceses, afora queijos suissos, do Reino, etc. Como aperitivos lá estavam além do «Absynthe», varios outros alcóoes civilizados

e colorido que, como ainda hoje, fazem babar de gozo e de elegancia os imbecis.

Republicano exaltado, Timburibá acabou ficando mal visto pelos patrões. Tiradentes para cá, Tiradentes para lá, o doceiro vivia com o espirito voltado para Minas. Segundo ele, todos aqui seriam republicanos e em cada esquina de rua estaria um heroi disfarçado, pronto para lutar pela nova inconfidencia republicana. Os donos da casa eram portugueses e monarquistas, no Brasil e em Portugal. Seu ideal supremo era a comenda no peito, para dar direito a uma posição de destaque nas irmandades das igrejas, em cujos consistorios já estavam os retratos de outros comendadores benemeritos, etc. Antes que o despachassem do serviço, Timburibá que já estava senhor dos segredos do oficio, pediu contas e safou-se dali. Tinha um objetivo: partir do Rio e instalar-se em Ouro Preto, que ele considerava a terra republicana por excelencia. Lá veio pois o Adolfo Julio Timburibá, pela Estrada de Ferro Central do Brasil, que o trouxe até Carandaí onde estavam. então, as pontas dos trilhos.

Dali para Ouro Prêto, a cavalhada não custou muito ao antigo tropeirinho. Timburibá com vinte e cinco anos, miudinho e teimoso, atingia uma parte do seu ideal. Ei-lo agora em Ouro Prêto, em 23 de julho de 1883. A cidade de Tiradentes, crisól das virtudes republicanas! pensava êle, mirando aquêle velho casario e defrontando o Itacolomi, fantasma petrificado, dominando o cenário das conjurações gloriosas. E não perdeu tempo. Mal chegado ainda e já instalara na rua de São José a sua Confeitaria Mineira, com as mesmas pretensões da Confeitaria Pascoal, do Rio de Janeiro. O «patisseur» e o «confiseur» fizeram logo sucesso, mas Timburibá não guardava segrêdo das fórmulas francesas de suas guloseimas. O negócio prosperou logo, tornando-se o centro social de Ouro Prêto, ponto de reunião dos politicos, principalmente republicanos.

Em 19 de dezembro de 1883, pouco tempo depois de sua chegada, casou-se Adolfo Júlio Timburibá com aquela que seria sua companheira de tôda a vida, Leonor Luisa Osório, filha

…UI NA 8.º PAGINA

do alferes do Corpo Policial Fausto Augusto de Almeida Osório. Dêsses Osório de Ouro Prêto sairam os do Rio Grande do Sul. Dois irmãos Osório, naturais de Minas, serviam no Regimento de Cavalaria de Minas (2.º). O mais moço foi com um esquadrão para o Sul, lá se casando. Foi pai do general Osório, Marquês de Herval. O outro foi avô da espôsa de Timburibá. A Confeitaria Mineira progrediu muito e foi introdutora em Ouro Prêto do costume de oferecerem, as Irmandades, cartuchos de papel enfeitados, cheios de confeitos consistentes em amêndoas rebuçadas numa deliciosa pasta de açúcar. Abriu, também, um outro negócio de secos e molhados na Barra, junto do rancho de tropas que então davam muito movimento ao comércio de Ouro Prêto. João Pinheiro ali reunia os seus correligionários e até tarde da noite lá estava Timburibá junto dêles, encarregado de reunir e animar os postulantes de ideais republicanos. Essa atitude ostensiva antimonárquica não prejudicava os negócios de Timburibá, embora muitos dos seus correligionários não respeitassem a sábia advertência do «HOJE NAO SE FIA. AMANHA SIM!». Nada havia mais forte para amaciar os rigores comerciais do dono da Confeitaria Mineira do que saber que o seu cliente era republicano. Essa fase da vida ouropretana, o periodo entre 1885 e 1889 é de trepidante atividade politica, em que pese a suposta decadência de Minas. Isolada do resto da Provincia, de acesso dificil, seja como fôr, a antiga Vila Rica ainda era a cabeça de Minas, falava por Minas, resolvia por Minas. Dispunha de vários jornais que discutiam acaloradamente os problemas nacionais. Sente-se que essa geração de homens, apertada entre as montanhas que circundam os vales do ouro, erguia-se sôbre elas e avistava o Brasil, cujos problemas eram ventilados apaixonadamente em Ouro Prêto como se fôssem locais.

O «Liberal Mineiro», com o Barão do Saramenha na direção e Bernardo Monteiro na redação; a «Provincia de Minas», monarquista e ultra-conservador, com José Pedro Xavier da Veiga e Francisco Veiga; e o «Movimento», dirigido por João Pinheiro, republicano vibrante que terçava armas com os retrógrados da «Provincia», mas que era amável com o «Liberal Mineiro», pois que os liberais iam engrossando as fileiras do Partido Republicano, ainda sem organização, mas conhecido como a mais forte corrente de opinião pública em Minas. Adolfo Júlio Timburibá era um alter-ego de João Pinheiro. De-

trabalhar todo o dia em egócios, à noite dedica- ajudar as contas no entos, promovendo as- s, cobrando contas... dias mais felizes para stico da República seria instalação do Congres- blicano em Ouro Prêto, e novembro de 1888. O rismo monárquico as-

sumira posição defensiva. Os conservadores concentravam-se em tôrno do Conselheiro Afonso Pena, e alguns liberais, realmente conservadores, permaneciam teleguiados do Rio de Janeiro pelo Visconde de Ouro Prêto, seu irmão Conselheiro Carlos Afonso, e outras figuras dignas, que encarnavam um reacionarismo aparente, já muito chegados às hostes republicanas. Não fôssem as circunstâncias pessoais, e talvez Afonso Celso tivesse sido um dos trabalhadores pela República. Seu filho, Afonso Celso Júnior, figurava nas rodas do Ça Irá, grupo acadêmico republicano de São Paulo. O Congresso Republicano em Ouro Prêto em 1888 iria proclamar «urbi et orbe» a existência do sentimento republicano em Minas, reunindo os mais brilhantes espíritos da época.

A convocação dessa reunião memorável mobilizou o monarquismo tradicional, que fêz tudo para impedir que ela se realizasse. O Presidente da Província, Dr. Antônio Teixeira de Magalhães, Barão de Camargo, expoente da política de fôrça que haveria de contaminar o regime republicano, empenhou-se pessoalmente para que os hotéis e casas de hospedagem não recebessem os republicanos que fôssem a Ouro Prêto para o Congresso. Negaram-se aos congressistas as salas onde pudessem reunir-se, e preparam-se outros atos de hostilidade aos pregoeiros do novo regime. Mas o Congresso reuniu-se com todo o brilho e seus fins foram atingidos. Os particulares abriram suas casas para hospedar os republicanos e as sessões foram realizadas no salão da residência do Coronel Francisco Ferreira Alves, na rua do Carmo, onde hoje reside o dr. Domingos Fleury da Rocha, cujo pai, Dr. Domingos Rocha, foi republicano e propagandista caloroso.

Adolfo Júlio Timburibá — foi João Pinheiro quem o disse — foi um devotado companheiro nessas horas.

Franzino, subia e descia as ladeiras de Ouro Prêto com cestos de comedorias, que levava de sua Confeitaria às casas dos que haviam generosamente hospedado os republicanos. Dia e noite dava tudo de si com espantosa dedicação. Sacrificou-se inteiramente. Ao proclamar-se a República em 15 de Novembro de 1889, um ano depois dêsse esfôrço desinteressado, Timburibá estava a braços com dívidas resultantes dêle. Mas dava tudo por bem empregado e não amarrou a cara por isso.

João Pinheiro, assumindo o Govêrno Provisório em Minas, tirou-o das mais prementes aperturas, nomeando-o terceiro escriturário do Serviço de Estatística do Estado. Logo passou a amanuense, continuando sua carreira de modelar funcionário público em Minas. Bem merecia Timburibá êsse novo rumo para sua trabalhosa vida. Em 1907, João Pinheiro, ainda se recordando das lutas do antigo companheiro de propaganda, escrevia-lhe: «Do velho republicano Timburibá, João Pinheiro não se esquecerá nunca de que entre os poucos sonhadores da República em Ouro Prêto em 1887 êle foi um companheiro incondicional nos sacrifícios». Adolfo Júlio Timburibá prosseguiu sua carreira burocrática sempre como homem modêlo. Depois de servir muitos anos na Secretaria do Interior, foi para o Arquivo Público Mineiro, onde se fêz alvo da estima dos estudiosos que ali se reuniam outrora. Irmão benemérito da Santa Casa da Misericórdia, capitão da Guarda Nacional, sócio do Clube Floriano Peixoto e do Instituto Histórico, Adolfo Timburibá era figura obrigatória nas festas cívicas, ao lado dos seus colegas da antiga instituição. Por ocasião da revolução de 1930, ainda se movimentou tomando parte os entusiasmos com que a boa-fé do povo mineiro saúdou o que supunha ser alvorada de tempos novos para a República. Deve ter sofrido muito com o que começou a se verificar depois dêsses dias de esperança. Deus poupou a êsse republicano puro, o espetaculo do Estado Novo, com suas vergonhosas conseqüências. Em 29 de dezembro de 1936, falecia êsse admirável homem que dedicara a sua vida aos místicos ideais cívicos. Deixou família honrada e numerosa. Parece-me, às vêzes, nesses dias que ainda nos restam de festas cívicas, tão pobres e apressadas, estar vendo o capitão Adolfo Timburibá, batendo palmas aos discursos que, como outrora, se faziam no Clube Floriano Peixoto, enaltecendo os mortos e advertindo os vivos com o exemplo dêles.

O capitão Timburibá é uma recordação edificante. Ele pode simbolizar uma época ilustre, quando a República era um ideal superior, e não um negócio de camarilhas.